

PENTECOSTALISMO E PROTAGONISMO CABOCLO NO CAMPO RELIGIOSO AMAZÔNICO

PENTECOSTALISM AND CABOCLO PROTAGONISM IN THE AMAZON RELIGIOUS FIELD



Liliane Costa de Oliveira^{1*}

Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto^{2*}

Resumo

Pretende-se demonstrar que o avanço do Pentecostalismo na Amazônia se deve a vários fatores, um deles que merece destaque é o protagonismo de leigos frente às tarefas necessárias ao crescimento da religião pentecostal. Na região Norte de nosso país, a conduta avivalista encontrou ressonância na pajelança cabocla voltada para a questão da cura, resultando no que chamamos de pentecostalismo caboclo. Nesse sentido, a sociologia compreensiva foi o *polo teórico* de compreensão para esta pesquisa. Por este caminho teórico-metodológico, buscou-se explicar o protagonismo de homens caboclos e mulheres caboclas que contribuíram com a expansão do Pentecostalismo pela Amazônia e demais regiões brasileiras. A literatura que referencia o presente texto é Galvão (1955); Wagley (1955); Maués (2005) e Zeferino (2021), questionadores da categoria caboclo como resultante de hibridizações, aplicamos o termo caboclo ao campo religioso amazônico. Trata-se de uma análise que buscou mostrar que o movimento religioso que contagiou o Brasil no começo do século XX surgiu entre os caboclos da Amazônia. Desse modo, realizaram-se entrevistas com a membresia assembleiana que reside na capital e em alguns municípios amazonenses. Portanto, esse artigo permitiu concluir que o protagonismo caboclo foi o fundamento para a consolidação da tradição pentecostal no país.

Palavras-chave: Pentecostalismo caboclo; avivamento; protagonismo leigo.

Abstract

It is intended to demonstrate the advance of Pentecostalism in the Amazon is due to several factors, one of it will be highlighted is the protagonism of lay people facing the tasks necessary for Pentecostal religion growth. In the North, the revivalist behavior found resonance in the caboclo pajelança, focused on healing, resulting in what we call caboclo pentecostalism. In this sense, comprehensive sociology was the theoretical pole of understanding. Through this theoretical and methodological path, we sought to explain

^{1*} Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM). E-mail: lilioliveira123@yahoo.com.br.

^{2*} Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: serrapinto.m@gmail.com.



the protagonism of caboclo men and cabocla women who contributed to the expansion of Pentecostalism through the Amazon and other Brazilian regions. In Galvão (1955); Wagley (1955); Maués (2005) and Zeferino (2021), who question the category caboclo as a result of hybridizations, we apply the term cabolco to the Amazonian religious field. This is an analysis that sought to show that the religious movement that infected Brazil in the beginning of the 20th century arose among the caboclos of the Amazon. Therefore, this article concluded that the caboclo protagonism was the foundation for the consolidation of the Pentecostal tradition in the country.

Keywords: Caboclo pentecostalism; revival; lay protagonism.

Introdução

Uma geração de intelectuais tem mergulhado nos estudos do Movimento Pentecostal Latino-americano, cujo engajamento evidenciava um campo de pesquisa amplo e necessário. São estudos que têm marcado a história intelectual do Pentecostalismo Brasileiro, contudo, a Amazônia e o “protagonismo caboclo” não têm uma tradição nos estudos acadêmicos acerca da religião pentecostal.

Já se passaram cem anos que o Pentecostalismo se consolidou no Brasil, e tardiamente se debateu a trajetória, as marcas e os rumos das igrejas pentecostais no país. Desde que essa crença avançou, é corriqueiramente ilustrado pelas pesquisas que a Assembleia de Deus (AD) foi uma das principais denominações responsáveis pela sua expansão. No começo do século passado, era a principal representante na Amazônia brasileira do movimento de santidade que buscava o batismo com o Espírito Santo. Ao contrário das demais igrejas evangélicas, torna-se a maior denominação evangélica do Brasil, conforme aponta o Censo de 2010, porém, pouco se fala sobre o lugar que lhe deu visibilidade.

Nesse jogo intelectual, definiram-se os contornos do Pentecostalismo Brasileiro sob um ponto de vista que não privilegiou a realidade social amazônica, bem como o protagonismo de seus moradores. Por que o leigo da Amazônia e seu pentecoste não atraíram o olhar dos/das intelectuais em suas pesquisas? As abordagens que explicavam o rápido crescimento do Pentecostalismo pelo Brasil estavam alinhadas ao conceito de modernização capitalista, cuja consequência desse processo foi o estado de anomia social.

É no universo religioso amazônico que o Pentecostalismo nasceu. Sua gênese se encontra na ação religiosa de indivíduos que criaram ritos, cultos, retóricas, eventos, homilias a partir das experiências vivenciadas no espaço social onde vivem. Partindo deste problema, a caminhada metodológica para tal análise foi um desafio. Nessa “viagem investigativa” a sociologia compreensiva foi o polo teórico de compreensão. A essência



da metodologia compreensiva centra-se nestas categorias: ação social e compreensão. Desse modo, “cabe a sociologia captar e entender o significado das condutas humanas, das suas interações e das instituições sociais nas quais a ação humana está objetivada”³. Por este caminho teórico-metodológico, buscou-se explicar o protagonismo de homens caboclos e mulheres caboclas que contribuíram para a expansão do Pentecostalismo, mas isso somente foi possível porque nesse fenômeno religioso há elementos culturais não desconhecidos da tradição étnica dos povos da Amazônia. Além disso, é uma crítica às leituras que silenciaram esses sujeitos quanto a história do Pentecostalismo brasileiro.

Na literatura de Galvão (1955); Wagley (1955); Maués (2005) e Zeferino (2021), questionadores da categoria caboclo como resultante de hibridizações, aplicou-se o termo caboclo ao campo religioso amazônico. Trata-se de uma categoria sociológica que nos ajudou a compreender o sucesso do Pentecostalismo na Amazônia. Em sua essência, a “Amazônia cabocla” é formada por um povo que se mostrou eficiente na propagação do Pentecostalismo, na crença no Espírito Santo em seus cultos, na força do espírito em seus conceitos, na prática de vida, na bíblia, na harpa cristã, os quais forneceram base para a formação do ideário pentecostal brasileiro e caboclo. E foi precisamente na Amazônia que o Pentecostalismo fincou suas bases, colhendo daí suas atividades e funções.

Para a construção deste trabalho, realizaram-se entrevistas com a membresia da Assembleia de Deus, sobretudo, com líderes pentecostais como pastores e pastoras de várias áreas eclesiais, distribuídas pelas zonas da capital amazonense. Além disso, em viagens por algumas cidades do Estado (Autazes, Tabatinga, Manacapuru, Itacoatiara, Borba, Nhamundá) aproveitou-se para buscar informações sobre a tradição pentecostal. A “entrevista compreensiva” com base em Kaufmann foi um dos principais instrumentos da pesquisa. Buscou-se, conforme a recomendação deste intelectual, explicar o objeto de pesquisa não somente por um roteiro de perguntas, mas por meio de um diálogo com duração variável, pois são nesses momentos que a boa pergunta poderia surgir e não num roteiro previamente elaborado⁴.

Portanto, concluiu-se que desde que a academia brasileira se voltou para os estudos do Pentecostalismo a “voz cabocla” que o protagonizou é ausente. Nesse sentido, o termo “protagonismo caboclo” aqui empregado é para dar visibilidade aos “leigos” que colocaram em prática a crença pentecostal. Em outros termos, desde os primórdios do

³ SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica**. 4ª ed. Itajaí: Univali, 2006, p. 240.

⁴ KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Tradução Thiago de Abreu e Lima Florencio. Rio de Janeiro, Editora Vozes, Maceió: Edufal, 2013.



Pentecostalismo, homens/mulheres caboclos/as convertidos/as são missionários/as, evangelizadores/as, obreiros/as, pastores/as, membros/as, mantenedores/as e fundadores/as da igreja pentecostal. É isso que permite compreender a multiplicação extraordinária da Assembleia de Deus por toda a região.

Interpretações da Amazônia, Tipologia e *Ethos* Pentecostal

Em seu estudo sobre uma comunidade urbana na Amazônia, Wagley procurou ressaltar: “tanto os cidadãos cultos, como a classe comerciária das pequenas cidades amazônicas empregam o termo (sic) ‘caboclo’ para designar os lavradores e seringueiros analfabetos e semianalfabetos das zonas rurais”⁵. Ademais, outro autor, pioneiro nos estudos sobre religião na Amazônia, que também fez uso dessa tipificação foi Galvão: “utilizamos o termo caboclo como denominação genérica para o habitante rural”⁶.

Darcy Ribeiro⁷ também empregou essa categoria para diferenciar o modo de ser dos moradores do Norte em relação às demais regiões do país. Talvez essa atribuição peculiar dada às populações rurais seja um dos motivos do não aprofundamento nos estudos das relações entre a Amazônia e o Pentecostalismo, já que a categoria “caboclo”, construída historicamente a partir da paisagem regional, carrega sentidos pejorativos e uma forte carga de discriminação.

Zeferino, em recente estudo denominado “A topofilia na formação do berço hídrico do caboclo amazônico urbano”, visando avançar nas discussões sobre a cultura local, cunhou o termo “caboclo amazônico-urbano”. A contribuição da autora chama atenção, uma vez que o termo é ampliado para outro contexto da Amazônia, a saber, a cidade.

Nota-se que Weber e Zeferino se conectam nesse momento: “o caboclo enquanto categoria social se apresenta, em primeiro momento, como termo de acepção estereotipada e de alteridade, pois quem a descreve não se inclui nela”⁸. Sob o olhar weberiano, a tipificação “caboclo-amazônico-urbano” só foi possível porque a estudiosa captou uma realidade na qual ela encontra-se envolvida, rompendo com os olhares de fora

⁵ WAGLEY, Charles. **Uma comunidade Amazônica**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1957, p. 389.

⁶ GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955, p. 2.

⁷ RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2 ed. Companhia das Letras, 2002.

⁸ ZEFERINO, Viviane de Oliveira Lima. **A topofilia na formação do berço hídrico do caboclo amazônico urbano**: o elo afetivo indivíduo-ambiente. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas, 2021, p. 62.



os quais reduzem a identidade cabocla somente aos que moram no interior da floresta e sobrevivem dos rios.

Sobre essa perspectiva conceitual, Rodrigues e Moraes Júnior esclarecem “que o aspecto étnico-cultural ‘caboclo’, como ‘tipo ideal’ (no sentido weberiano), é um factor crucial nas dinâmicas evangélicas nesta região”⁹. Por sua vez, Galvão destacou, grosso modo, que “as instituições religiosas [...] [na Amazônia] traduzem os padrões socio-culturais (sic) característicos do ambiente regional”¹⁰.

Partindo desses pressupostos, conclui-se que o Pentecostalismo, em seu período de implantação, obteve sucesso porque os sujeitos que protagonizaram os eventos avivalistas o fizeram a partir do seu *ethos* cultural, ou seja, a religião Pentecostal nasce e se desenvolve no cerne da sociedade amazônica, e por meios de seus agentes conseguiu conectar-se com a cidade, com o rural, com os espaços da família, do trabalho, da escola, com a história dos tipos sociais que vivem na região e com o mundo simbólico dos demais grupos sociais em escala nacional. Ou seja, os caboclos são sujeitos sócio-históricos nas relações religiosas pentecostais.

A propósito dessa tipificação, ao longo do século XX, o exercício da fé pentecostal ajudou a reproduzir o espaço social do caboclo e a ressignificar suas relações e comportamentos sociais. Nesse espaço, formou-se uma moralidade que liga o crente aos seus deveres mediante laços de fidelidade com a igreja. Esta é uma relação social central na religiosidade pentecostal, pois não só possibilita a existência de sentido à vida, como também se constitui numa relação de poder sujeita a uma moral que dispõe de prescrições. Por exemplo, com a inserção dos pentecostais na esfera política partidária, essa relação de fidelidade traduziu-se em sistema de apoio aos candidatos ao pleito eleitoral por toda a região Norte. A fim de ilustrarmos essa síntese, descreveremos o relato de conversão ao Pentecostalismo de uma família que vive em uma cidade no Baixo Amazonas¹¹.

O ano era 1975, o pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, recém-implantada no Majari, estava convidando para participarem do culto à noite no templo.

⁹ RODRIGUES, Donizete; MORAES JÚNIOR, Manoel Ribeiro de. A pentecostalização de povos tradicionais na Amazônia: aspectos conceituais para uma antropologia de identidades religiosas. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 50, p. 900-918, maio/ago. 2018, p. 900.

¹⁰ GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955, p. 4 (acréscimo das autoras).

¹¹ Esse relato foi obtido no final de 2020, no interior do Amazonas, em conversa com uma jovem senhora, assembleiana, professora e moradora desde a infância dessa cidade Majari/Am. A senhora Perpétuo antes de nossa conversa informal, escreveu essa narrativa. Fizemos poucas alterações no texto como a substituição dos nomes da cidade e das pessoas citadas por fictícios.



Esse templo era um antigo salão de festas, de madeira. Essa implantação deu-se pela vinda do Pastor João de Parintins, que na época era o coordenador na região do Baixo Amazonas, deixou como dirigente do trabalho o Pastor Trindade, primeiro pastor da igreja no Majari.

Os meus pais João e Ana, plantadores de mandioca e pescadores, ao serem convidados se dispuseram a ir ao culto, levando consigo seus dois filhos Sebastião e Joaquim. Tudo o que presenciaram naquele momento era muito novo para eles e ao ser feito o apelo para aceitarem Jesus, eles assim fizeram, passando a serem chamados de “crentes”, como eram chamadas as pessoas que decidiam seguir a nova religião. Nessa época, havia muita perseguição por parte dos líderes católicos e seus fiéis às pessoas que aceitavam seguir o Pentecostalismo.

Aqui no Majari já havia um templo evangélico da igreja Adventista, apenas uma família participava, a do seu Juvenal, que era o dirigente, ou seja, até então os sacerdotes católicos não se sentiam tão ameaçados. Assim, ao tomarem conhecimento de que meus pais haviam se convertido, logo foram em nossa casa os catequistas enviados pelo padre para persuadi-los a deixarem a nova fé.

A partir daquele momento, comecei a ver meus pais lerem a Bíblia, algo que até então não presenciava. Quando meu pai contava seus testemunhos de fé e quando cantava os Hinos da Harpa Cristã se emocionava muito. Um dos hinos que ele gostava era o 394 “A mão no arado”¹². Quanto à minha mãe, ela era mais rígida em relação aos costumes.

Minha família foi uma das primeiras a se converter, foi pioneira. Em seguida, o casal João Batista e Tarsila e outras famílias foram se convertendo no decorrer da propagação do ensinamento no templo e o evangelismo na rua com distribuição de folhetos de casa em casa. O movimento chamou bastante atenção, assim durante as reuniões, o templo era apedrejado, principalmente nos cultos de ensinamento e doutrina, pois era realizado de portas fechadas e só podia entrar quem era membro. Visitantes somente nas quartas-feiras e aos domingos. Por causa de sua forma litúrgica¹³ havia muito preconceito.

Nesse mesmo ano, 1975, aconteceu o primeiro batismo. Para esse momento vieram caravanas de Parintins, Terra Santa, e Faro. Os primeiros crentes foram

¹² Nesse momento, a interlocutora cantou esse hino.

¹³ Refere-se às experiências ligadas ao Espírito Santo.



batizados em frente da rampa da cidade, os quais foram hostilizados pelos moradores que assistiam com piadas, zombarias e pedradas.

A disciplina aos membros era severa. Quem praticasse atos que não estivesse de acordo com os ensinamentos e doutrina da Igreja era disciplinado e não podia participar dos cultos de ensinamento. Os membros eram ensinados que ao chegarem ao templo deveriam orar de joelhos e durante o culto glorificar a Deus com reverência. As mulheres eram ensinadas a não cortar o cabelo, usar vestes compridas com mangas e não usar maquiagem e joias como brinco, cordão; e aos homens usar sempre calça comprida, cortar o cabelo, não praticar jogo de futebol. Os que praticavam eram disciplinados com uma suspensão temporária e tinham um período para retornarem.

Meus pais, a partir de então, se tornaram divulgadores da mensagem pentecostal. Durante o dia trabalhávamos na roça, mas as noites voltávamos para irmos aos cultos, principalmente aos domingos por causa da Escola Bíblica Dominical, a E.B.D. Quando se aproximava o sábado, papai deixava todo o trabalho da roça. Por exemplo, se tivesse mandioca mole na gareira¹⁴ lá ficava para ser feito a farinha somente na segunda-feira. Ele não se preocupava se ainda haviam atividades relacionadas ao trabalho para serem realizadas. Lembro muito bem que meu pai só tinha um par de roupas para ir aos cultos, mas nunca se importou com isso.

O dízimo sempre foi o que colhíamos; produtos como frutas e a farinha eram doados para a família do pastor que dirigia a igreja. Ao passar do tempo, minha família foi se destacando como colaboradores da igreja, não somente como membros, mas como zeladores, tesoureiros, professores da E.B.D., pregadores, além de anunciarem a conversão aos parentes, vizinhos e amigos.

Nota-se, neste relato, o protagonismo de uma família amazonense que viveu o tempo socioespacial entre suas plantações e a pequena cidade Majari na região do Baixo Amazonas. Com o Pentecostalismo, alçaram outra condição, a de crentes; e esse estilo religioso descrito acima foi definido por uma mentalidade cabocla e por um modo prático de conduzir a vida, isto é, o pensamento e a conduta pentecostal, que na sua origem são caboclos.

Situada historicamente, esse tipo de associação religiosa exigia dos indivíduos que se envolvessem diretamente e integralmente em prol de um interesse comum. Essa

¹⁴ Instrumento em forma de canoa, produzida a partir do tronco de uma árvore chamada itaubarana, onde rala e espreme a mandioca.



condição é confrontada com a sociedade moderna estudada por Weber, ou seja, essa família convertida ao Pentecostalismo preferia abdicar do trabalho cotidiano a perder a comunhão com sua comunidade de fé¹⁵, momento da manifestação da glória de Deus.

Enquanto para o protestante estudado por Weber viver a glória de Deus é trabalhar¹⁶; para o pentecostal da Amazônia é senti-la individual e coletivamente. Numa perspectiva popular pentecostal, sentir a glória significa que esse fenômeno se conecta à experiência no Espírito, logo, para o crente caboclo é entrar em êxtase, e isso só se experiencia junto aos demais irmãos na fé.

O modo pelo qual a “sociedade cabocla” concebeu ser crente é amplo. Nota-se que os laços que os uniam era o sentimento de pertencimento, porque todos e todas experienciavam o poder do Espírito Santo. Portanto, o Pentecostalismo é, antes de tudo, uma espiritualidade nascida da combinação de histórias, de sentimentos, de formas físicas, de ambientes naturais e sociais.

Venha o poder do Espírito Santo!

O movimento pentecostal que se instalou no país tem suas origens próximas às igrejas pentecostais dirigidas e frequentadas por brancos nos EUA. Seus principais representantes são o italiano Luigi Francescon (1866-1912), (fundador da Congregação Cristã em São Paulo) e os suecos Daniel Berg (1884-1963) e Gunnar Vingren (1879-1933) (organizadores da Igreja Assembleia de Deus norte-americana em Belém do Pará). Esses precursores, emigrados para os Estados Unidos, frequentavam a *Missão da Avenida Norte*, igreja pentecostal fundada em 1907 e liderada por “William Durham, de Chicago, cidade que teve grande influência na internacionalização do movimento [pentecostal]”¹⁷.

A gênese do Pentecostalismo Brasileiro é marcada por esses dois grupos particulares, ou seja, a Congregação Cristã no Brasil (CCB) e Assembleia de Deus (AD)¹⁸ são representantes da primeira manifestação pentecostal que “colonizou” o Brasil. Mas,

¹⁵ Segundo Hervieu-Léger & Willaime, Weber se esforçou para mostrar que a mentalidade puritana, de inspiração calvinista, contribuiu para modelar certos tipos de comportamentos no domínio do trabalho e da atividade econômica na nascente sociedade moderna (HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul, 2009).

¹⁶ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 9 ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

¹⁷ MATOS, Alderi Souza de. O Movimento Pentecostal: Reflexões a Propósito do seu Primeiro Centenário. *Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA, Goiânia*, n. 1, v. 3, 2006, p. 34 (acréscimo nosso).

¹⁸ Inicialmente se chamou *Missão da Fé Apostólica* (mesma denominação do ramo pentecostal negro norte-americano), em 1918 foi registrada com o nome de *Assembleia de Deus* (o ramo branco pentecostal norte-americano) (ALENCAR, 2010).



a fundação da AD, ao contrário da CCB, repercutiu profundamente, principalmente, na região Amazônica. Ademais, ao contrário das outras igrejas evangélicas, torna-se a maior denominação do país a partir de sua nacionalização (1930) e está entre as maiores igrejas pentecostais do mundo. “[...] é hoje um dos maiores e mais dinâmicos movimentos religiosos, com mais de 564 milhões de seguidores, sendo o Brasil o país com a maior concentração de pentecostais do mundo”¹⁹. Foi o seu rápido crescimento que fez dessa igreja a principal representante do Pentecostalismo Brasileiro e está presente de forma atópeta no interior da Amazônia.

Desse modo, os fundamentos históricos da Assembleia de Deus estão na Amazônia, ela cresceu a partir desta região para as demais regiões, o que sustenta a tese de que a cultura religiosa brasileira se torna também pentecostal por causa de uma comunidade “avivalista amazônica”. Nesse contexto, o Pentecostalismo trilhou caminhos exegéticos e ritualísticos diferenciados conforme as condições históricas e sociais impostas em sua trajetória.

Destaca-se aqui o poder do Espírito Santo como elemento central na dinâmica da vida religiosa pentecostal, cuja importância é identificada e enfatizada por vários estudiosos, como Beatriz Souza. Souza interpretou sociologicamente o Pentecostalismo como uma experiência transformadora, cuja experiência impactou a sociedade. O elemento prático de tal efeito é a mudança de vida, o afastamento do mundo, o abandono dos “prazeres mundanos”. Esse modo de ser no mundo da vida é a experiência salvífica vivida por intermédio do poder do Espírito²⁰.

A descoberta de que por meio do poder do Espírito Santo, independente do fato se sabiam ler ou escrever, os fiéis se tornavam portadores da mensagem que anunciava a Segunda Vinda de Cristo, os colocava na vanguarda da doutrina pentecostal no Brasil. Fato que pode ser observado na fundação e consolidação de igrejas pentecostais, ou seja, através da crença pentecostal alcançaram posição de poder, de reconhecimento que ocorre na própria comunidade a qual eles pertencem. Nesse sentido, percebe-se que há um pioneirismo que não é reconhecido na história desse movimento religioso, pois exclui a figura de protagonistas que contribuíram para história do Pentecostalismo, como os caboclos e as caboclas da Amazônia.

¹⁹ RODRIGUES, Donizete; MORAES JÚNIOR, Manoel Ribeiro de. A pentecostalização de povos tradicionais na Amazônia: aspectos conceituais para uma antropologia de identidades religiosas. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 50, maio/ago. 2018, p. 904.

²⁰ SOUZA, Beatriz Muniz de. **A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo**. São Paulo: Duas Cidades, 1969.



Tal processo possibilitou ao Pentecostalismo que acompanhasse as mudanças sociais que ocorreram, principalmente, nos centros urbanos e que passaram a atrair os habitantes das zonas rurais em busca de melhores condições de vida, da oferta de empregos e dos serviços oferecidos pelo poder público.

Portanto, a crença no poder do Espírito Santo, experimentado na vivência prática dos fiéis, combinado com as condições sociais dos grupos mais pobres, já que essa situação foi associada às lutas espirituais terrenas, acelerou o crescimento do Pentecostalismo na Amazônia. Mesmo com as crises ocasionadas pelo declínio das políticas de desenvolvimento para a região, a religião Pentecostal continuou a desenvolver-se. Isso ocorre devido ao seu caráter proselitista, não erudito, à popularização da Bíblia Sagrada traduzida na língua portuguesa e a inclusão de semianalfabetos, pescadores, roceiros, seringalistas, agricultores, extrativistas, madeireiros, no governo eclesial; e em virtude disso, impactou a história cultural religiosa amazônica.

Nesse sentido, é interessante mostrar como a “sociedade cabocla” foi apontada na narrativa fundante do Pentecostalismo no Brasil. “Orando em companhia de um profeta pentecostal sueco, este profetizou que deveria ir a um lugar chamado Pará, ‘onde o povo para quem eu testificaria de Jesus era de um nível social muito simples’”²¹. Para os convertidos da Amazônia, isso é extraordinário, é motivo de orgulho saber que o próprio Deus os revelou aos missionários suecos, apesar de serem citados em discursos singelos sobre a vida na Amazônia.

Além disso, teologicamente, essa inclusão é um dos aspectos da revelação divina trazida pelo poder do Espírito Santo. Portanto, este é o princípio fundamental para a comunidade pentecostal amazônica que conduziu a história do Pentecostalismo Brasileiro.

Um exemplo claro é o relato do casal de pastores assembleianos que, ainda na adolescência, converteram-se ao Pentecostalismo e após a imersão no movimento tornaram-se líderes religiosos e, por alguns anos, foram evangelizadores na cidade de Coari (AM). Ambos falaram acerca da relação entre Amazônia e Pentecostalismo e da atuação da Assembleia de Deus e das demais igrejas pentecostais no Amazonas no tempo presente.

²¹ VIGREN apud FRESTON, Paul. Breve história do Pentecostalismo Brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem anjos, nem demônios:** interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 80 (grifo nosso).



Queira ou não, mas a **Amazônia é a terra das vigílias** [...], aqui é **a terra dos encontros**, é **a terra dos jejuns**, é **a terra da campanha**, e tudo isso visa uma coisa: o Batismo com o Espírito Santo e **cura**. [...]. Desde quando começou a pandemia todos os dias saímos aos hospitais [...]. Pastor Jonatas e vários outros pastores vão em todos os hospitais. Então, isso acontece onde? Aqui em Manaus (risos). Orar, ministrar o ato profético, levantar as mãos para que Deus traga a cura. A gente leva o óleo para neutralizar a covid de Manaus. A gente coloca sete gotas do óleo da unção no álcool e a gente espirra e ora pelos médicos, pela equipe, pelos enfermos na frente dos hospitais. E quem faz isso nesse país? Nós no Amazonas. [...]. Então, eu pergunto em qual cidade desse país isso tá acontecendo? Só aqui. E sem falar que todos os pastores tem seu período de oração e jejum por cura, milagre e salvação de vidas. Mas, isso não é só a Assembleia de Deus que faz isso, isso não acontece somente aqui em Manaus. O apóstolo da Igreja Aliança, todo começo de mês, faz quarenta dias de cultos e jejum. Então, **é uma Amazônia espiritual** mesmo, portanto, os moveres das Igrejas é nessa direção. Há muita intercessão. O M.I.R. tem uma torre de oração, ali é vinte quatro horas e têm outras igreja que tem estruturas de vinte e quatro horas de oração (L. C.; E. C. Pesquisa de campo, 2021, grifos nossos).

De acordo com a percepção dos entrevistados, o exercício das atividades religiosas vividas de modo tão intenso acontece de forma mais especial ainda quando se trata da Amazônia, lugar da manifestação do poder de Deus, do Batismo com o Espírito Santo e a cura, da conversão, da mudança de vida. O exemplo dado em relação ao enfrentamento da pandemia da covid-19 que está desafiando a ciência na busca pelo seu controle, demonstra o quanto a fé se coloca como agenciadora do empoderamento dessa comunidade de fiéis que acredita na cura da doença por meio de orações e de rituais que evocam o poder do Espírito Santo.

Além disso, o casal de pastores ainda justificou o sucesso do Pentecostalismo na Amazônia. Essa crença é apresentada com base nas várias práticas avivalistas que desde a sua inserção na região é a sua marca, a saber: a oração intensa, o Batismo com o Espírito Santo e a cura divina. A partir dessa narrativa observamos elementos que são parte da identidade étnica local que, a despeito dos cristianismos, como o Pentecostalismo, a cura sempre foi uma das atribuições dos rituais mágico-religiosos dos ancestrais dos povos da Amazônia.

Nesse caso, “Amazônia espiritual” citada pelos pastores expressa uma peculiaridade que diz respeito ao modo de viver a transcendência, a experiência com o inefável que situa e organiza cosmovisões e teodiceias doadoras de sentido à existência. Nesse sentido, é válido dizer que desde os pioneiros estudos de vários intelectuais do fenômeno religioso amazônico já haviam observado a crença no sobrenatural como parte integrante da natureza.



Isso demonstra que tais práticas de fé, de cura e êxtase nunca lhes foram estranhas, na medida em que nos extratos mais profundos da memória coletiva subsistem noções de um equilíbrio orgânico entre o homem e as forças da natureza que devem ser mantidos pelos especialistas do sagrado, daí sua importância para as comunidades pentecostais e neopentecostais não só da Amazônia como de todo o país.

Embora o Pentecostalismo tenha reforçado as noções de salvação individual e a ideia de separação da humanidade apartada da natureza, a conversão não conseguiu eliminar a crença nos encantados dos rios e das matas, nos bichos visagentos e nas entidades que conferem proteção à floresta.

Em síntese, na “Amazônia espiritual” – como afirmou o casal de pastores assembleianos –, a teologia pentecostal é uma combinação desse mundo religioso, ancorada na crença do poder do Espírito Santo que une os mundos físico, místico e sobrenatural através da tríade: cura, êxtase e a glossolalia. De maneira geral, a cura é um dos aspectos da diversidade cultural cabocla e latina.

Portanto, o Pentecostalismo, movimento de origem norte-americana trazido por suecos para o norte do Brasil, uniu o mundo religioso amazônico à sociedade regional, nacional e internacional. O caboclo foi introduzido em um sistema religioso moderno e, por intermédio de seu engajamento eclesial, entrou em contato com uma sociedade mais ampla, não apenas como receptor, mas como peça-chave na formação do Pentecostalismo Brasileiro. Foram estes sujeitos históricos, identificados na literatura regional como caboclos ribeirinhos que deram voz e sentido à crença pentecostal, movidos pela fé no poder do Espírito Santo.

O Pentecostalismo Caboclo

Desde que a academia se voltou para os estudos do Pentecostalismo, a “voz cabocla” que o protagonizou é ausente. Nesse sentido, o termo aqui empregado é para dar visibilidade aos “leigos” que colocaram em prática a crença pentecostal. Em outros termos, desde os primórdios do Pentecostalismo, homens/mulheres caboclos/as convertidos/as são missionários/as, evangelizadores/as, obreiros/as, pastores/as, membros/as, mantenedores/as e fundadores/as da igreja pentecostal. É isso que permite compreender a multiplicação extraordinária desta igreja e de convertidos por toda a Amazônia. Nessa lógica, é legítimo considerar que a experiência religiosa pentecostal alcançou outros patamares a partir da Amazônia.



Com base em observações sobre a realidade empírica, pode-se afirmar que o heterogêneo campo religioso amazônico, quando lido sob as chaves das leituras bourdieusiana²², não oferece um panorama capaz de visibilizar todos os agentes que participam desse jogo de interações, dinamismos e resistências. Isto quer dizer que o “caboclo-leigo” já vivia em um mundo repleto de elementos do capital simbólico do Pentecostalismo, tais como o êxtase e a cura sobrenatural.

Nesse sentido, na gênese da nova ordem religiosa, os leigos não foram expropriados dos instrumentos de acesso ao sobrenatural, pelo contrário, eles atuam exercendo, a seu modo, um protagonismo que os coloca em um patamar capaz de instrumentalizar os bens de salvação na medida em que são os próprios agentes religiosos, pois, por meio da ação do Espírito Santo, intercedem pela cura de doenças, jejuam pelo trabalho a ser conquistado, organizam o culto e expulsam o mal.

Tais leigos-caboclos, no Pentecostalismo, não precisam consultar os especialistas da religião para acessar os bens de salvação, qualquer crente tem o poder para orar pelo enfermo, interceder pelo batismo com o Espírito Santo, falar em línguas estranhas, revelar a mensagem divina à igreja ou a um indivíduo particularmente, ou seja, na dinâmica do Pentecostalismo é tomado como premissa que Deus pode escolher qualquer fiel para revelar-se; e esse crente, mesmo não sendo especializado ou letrado, é capaz de desenvolver ações que dão a ele um posicionamento nesse campo, por isso, na falta do sacerdote ou do pastor, ele tem autonomia para realizar o trabalho religioso como casamento, batismo e funeral.

Essa constatação surgiu a partir da seguinte consideração:

O campo religioso tem por função específica satisfazer um tipo particular de interesse, isto é, o interesse religioso que leva **o leigo a esperar de certas categorias de agentes que realizam ‘ações mágicas ou religiosas’**, ações fundamentalmente ‘mundanas’ e práticas, realizadas ‘a fim de que tudo corra bem para ti e pra que vivas muito tempo na terra, como diz Weber’²³.

Como observado em nossa prática no campo, tal parâmetro epistemológico não consegue dar conta do protagonismo caboclo no Pentecostalismo amazônico, cuja atuação foi fundamental para a construção histórica de tal crença.

²² Bourdieu analisou o cristianismo europeu, ficou de fora de sua análise o mundo religioso latino-americano e afro-brasileiro (BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. (org. Sérgio Miceli). 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009).

²³ BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. (org. Sérgio Miceli). 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009, pp. 83-84 (negrito nosso).



Na leitura sociológica de Bourdieu, o campo religioso se organiza a partir da atuação dos especialistas do sagrado: o profeta, o sacerdote, o feiticeiro, os quais desempenhariam o papel de intermediários entre o leigo e a ordem sobrenatural, visando atender suas demandas cotidianas. No campo pentecostal, estes não são os únicos que realizam o trabalho religioso, o leigo não especializado também cumpre com tais funções através de seu capital cultural.

Aqui vale lembrar que foi entre leigos paraenses que ocorreu o primeiro episódio de batismo com o Espírito Santo no Brasil. Para além das mudanças que a religião pentecostal já passou, o leigo ainda é o seu protagonista, exercendo diversas funções, além do trabalho intenso na propagação de seus princípios e interesses religiosos.

A Amazônia espiritual do “caboclo pentecostal”

Ao longo desses mais de quinhentos anos de dominação, hoje, pode-se observar que o projeto colonizador das Américas ainda não foi concluído, tanto no que diz respeito à colonização econômica quanto a espiritual ainda se encontram em marcha, modificando estratégias, refazendo trajetórias, mirando esforços de autoridade completa em um futuro próximo, ou seja, o projeto de poder segue sua marcha, daí a necessidade cada vez mais premente de investigar o campo religioso brasileiro, sobretudo, agora, quando começamos a vislumbrar no horizonte histórico do século XXI o avanço de uma ideologia, a qual sendo política, economia e religião, estabeleceu um pacto de cooperação explícita.

No Brasil, e mais especialmente na Amazônia, o Pentecostalismo avança e exporta novas igrejas, moveres e ministérios dotados de capacidades organizacionais complexas. Podemos citar como exemplo a Assembleia de Deus e o Ministério Internacional da Restauração, cuja robustez sobressai-se na disputa pela ampliação de seus territórios religiosos.

A Assembleia de Deus, oriunda do movimento missionário norte-americano, conseguiu se firmar na Amazônia no início do século XX, nos difíceis tempos de disputas contra a hegemonia da igreja católica. Percebe-se que duplas eram as frentes de trabalho, tanto no sentido de dar a conhecer a Palavra àqueles que ainda não tinham sido tocados pelo poder do Espírito Santo como se defender do preconceito religioso de toda a sociedade envolvente. Problema esse que se agudizava quanto menor fosse a localidade.

Aos leigos convertidos que abraçaram a causa da igreja e se dedicaram ao seu crescimento restou comprovado que os mesmos, com a investidura da fé e pelo poder do



Espírito de Deus, possuíam os dons da pentecostalidade capazes de compartilhar com os desassistidos o alento espiritual que todos desejam encontrar, independente do fato de possuírem pouca ou nenhuma educação formal. Tal fato denota também a valorização moral de uma classe que dispunha de escassos recursos econômicos cuja subsistência dependia da pesca, da exploração extrativista e da agricultura familiar. A passagem do anonimato social para a visibilidade e o empoderamento no campo religioso criou uma cadeia motivacional na qual o objetivo maior se concentrava na expansão da igreja.

A crítica direcionada às análises de Bourdieu²⁴ em relação à interpretação da teoria da religião de Max Weber, o qual tomou como referência as terminologias criadas pelo mundo religioso ocidental, serve também para demonstrar que dentro dessa modelização representativa do cristianismo que se espalhou para lugares distantes do continente europeu e passou a ocupar as “bordas” do mundo colonial moderno. O Pentecostalismo caboclo não cabe nas relações de concorrência entre o sacerdócio, o qual corresponde à classe dominante no jogo de interações simbólicas que se instauram no campo religioso. Além disso, os leigos que representam as classes dominadas e que respondem pelas demandas de salvação são também produtores de bens de salvação. Isto quer dizer que, nos lugares mais longínquos, como é o caso da Amazônia, o ‘pentecostalismo caboclo’ entrou em ação dando ao leigo poder.

O engajamento do leigo assembleiano na Amazônia, responsável pela criação do pentecostalismo caboclo, foi um dos fatores pelo qual é possível explicar o crescimento da igreja Assembleia de Deus na região amazônica, na medida em que esses agentes ocuparam cargos variados dentro da hierarquia eclesiástica e, na ausência dos sacerdotes e dos pastores, atuaram como legítimos intercessores nos jejuns, nas orações, na organização dos cultos, na expulsão dos espíritos malignos, combinando a herança indígena da pajelança cabocla com os componentes das práticas avivalistas e assim protagonizaram um modo de ser e de se expressar muito peculiar que reproduz os costumes e crenças das populações amazônicas.

A “Amazônia Espiritual” representada pelo casal de assembleianos como pátria do sagrado carrega nessa imagem a ideia de que o avivamento cristão, ou seja, a intensificação da fé vivida de modo mais nítido a partir de um despertar religioso pode significar um sintoma de crise próprio da contemporaneidade a qual carrega consigo o

²⁴ BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: **A Economia das Trocas simbólicas**. (org. Sérgio Miceli). 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.



peso das revoluções, das guerras, do desafio da vida nas grandes metrópoles, da insegurança no mundo do trabalho, da propagação de doenças a nível planetário. As mudanças na pauta dos costumes que estão ocorrendo de forma tão rápida demonstram que a ideia de um mundo moderno secularizado naufragou.

Herdeiro do cristianismo reformado, sobretudo, das igrejas norte-americanas, o pentecostalismo que chegou à Amazônia sofreu metamorfoses em relação à sua pureza doutrinária, assim como já havia sofrido o cristianismo católico no período da colonização. O encontro de mundos mentais distintos, o do nativo e o do estrangeiro, gerou uma teologia diferenciada expressa no que estamos chamando aqui de pentecostalismo caboclo.

A partir de adaptações e negociações simbólicas, a noção animista de uma natureza habitada por forças espirituais que interferem diretamente na vida humana foi introduzida nas práticas das denominações religiosas institucionalizadas por meio do imaginário dos leigos e, assim, foi gerando mestiçagens que comportam os elementos das culturas africanas e indígenas que se juntaram ao *corpus* doutrinário do cristianismo clássico.

Pode-se aqui tomar como empréstimo a noção de “sagrado selvagem” que Roger Bastide²⁵ encontrou exatamente aqui no Brasil e a partir de suas observações construiu sua teoria socioantropológica²⁶. Na Amazônia, é visível que a noção de sagrado caminha no fio da navalha entre o racional e o não-razional. Fruto das críticas dirigidas à igreja católica no período da Reforma Protestante, a estratégia de abolir ícones, imagens, e a ritualística geraram um peso ainda maior nas classes dominadas, naqueles que geram as demandas de salvação. A espera pela vida plena que há de vir no Dia do Juízo foi suavizada pelos mecanismos de um imaginário que utiliza as características do movimento avivacionista que busca por meio dos cantos, e das coreografias, das performances religiosas, o derretimento do sagrado instituinte, normativo e regulado.

O sagrado aqui encontrado pulsa no coração da Amazônia, nas pajelanças caboclas que em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo cura as doenças, expulsa o mal, neutraliza o quebranto, reestabelece o corpo atingido pelos percalços da existência. Pais de Santo, padres, pajés, rezadeiras, parteiras, pastores, ministros, doando e recebendo, ocupando os espaços de ausência do estado nacional no cuidado com a saúde da

²⁵ BASTIDE, ROGER. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

²⁶ BASTIDE apud GOUVÊA, Antônio Mendonça. De novo o sagrado selvagem: variações. São Paulo: **Estudos de Religião**, nº 32, 22033, jan/jun, 2007, p. 05.



comunidade. Ou seja, todos vivenciam a experiência numinosa a partir de suas referências culturais, nas batalhas espirituais que vão contra desde os encantos invisíveis da floresta até o enfrentamento do vírus da Covid-19 nos hospitais da Amazônia. Tais dinâmicas merecem ser observadas mais de perto pelos estudiosos do fenômeno religioso, levando em conta a criação de epistemologias e descrições que não se encontram nos anais literários das pesquisas clássicas, uma vez que as vozes até então inaudíveis dos negros, dos indígenas e de todas as minorias resolveram entrar em cena.

Considerações finais

Ao analisar as pesquisas feitas, percebe-se que o Pentecostalismo chegou à Amazônia no período conhecido como a *Belle Époque* Amazônica (1870-1913). Trata-se de uma época em que as cidades de Belém, Manaus e Porto Velho tentaram se tornar referências para o restante do país, por meio de construções urbanas com características europeias. Cabe lembrar que, neste período, a presença da igreja com matriz reformada já se fazia presente na “Babel Verde”²⁷.

Assim, os seguimentos protestantes passavam a disputar espaço também com o Pentecostalismo, tornando-se um dos pilares basilares da identidade cultural-religiosa da sociedade nortista. Desse modo, o encontro entre a cultura religiosa amazônica e o “pentecostalismo estadunidense”, inserido através do processo da imigração sueca, foi uma metamorfose radical, uma complexa trama que provocou mudanças estruturais profundas.

Nesse sentido, ressalta-se que as nascentes do movimento pentecostal brasileiro afloraram no interior da maior floresta tropical do mundo, tendo como seu epicentro a capital paraense. Nesse universo pentecostal, destaca-se, como eficiente disseminador dessa expressão de fé, o caboclo e a cabocla, os quais, na primeira década do século XX, fizeram do Pará o estopim difusor deste movimento avivalista, o qual se espalhou por todos os estados brasileiros.

A despeito de uma produção acadêmica significativamente intensa, o Pentecostalismo é separado da historiografia nacional, conseqüentemente, a sua relação direta com a Amazônia foi silenciada. Desse modo, partindo dos estudiosos Wagley, Galvão, Ribeiro e Zeferino que fizeram uso da categoria caboclo para tipificar a realidade amazônica, observamos que o Pentecostalismo foi afastado da vida cabocla quanto a sua

²⁷ Analogia com a Babel bíblica, uma vez que na Amazônia se fala em torno de 120 línguas indígenas. O Estado do Amazonas concentra 53 dialetos falados.



história porque inicialmente foi percebido como passageiro, marginalizado, por ser a religião dos iletrados, dos ribeirinhos, dos caboclos, ou seja, das minorias ou de pessoas de baixa renda que vivem às margens dos rios ou nos bairros periféricos das cidades amazônicas.

Sobre esse olhar digno de nota é que se configura a tese de Beatriz de Souza, a qual quando foi publicada, conforme Gedeon Alencar, a Igreja Assembleia de Deus (AD) já possuía a metade de um século de existência, ou seja, eram 50 anos sem a AD ser percebida pela academia brasileira, bem como as demais comunidades pentecostais. Alinhada a essa compreensão, a Assembleia de Deus do Amazonas, historicamente, está atravessada por um protagonismo caboclo, porém, esse Pentecostalismo praticado em todo o país, que chamou a atenção da sociedade político-partidária, tornou-se referência quanto ao fenômeno glossolálico, dando origem à maior parte das primeiras Igrejas pentecostais no Brasil.

Data de submissão: 14/10/2021

Data de aceite: 22/05/2022



Referências Bibliográficas

ALENCAR, Gedeon. **Assembleia de Deus: origem, implantação e militância** (1911-1940). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

BASTIDE apud GOUVÊA, Antônio Mendonça. De novo o sagrado selvagem: variações. São Paulo: **Estudos de Religião**, nº 32, 22033, jan/jun, 2007.

BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: **A Economia das Trocas simbólicas**. (org. Sérgio Miceli). 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas**. 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. Max Weber (1864-1920). In: **Sociologia e Religião: abordagens clássicas**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Ideias & Letras, 2009, p. 71-123.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Tradução Thiago de Abreu e Lima Florencio. Rio de Janeiro, Editora Vozes, Maceió: Edufal, 2013.

MATOS, Alderi Souza de. O Movimento Pentecostal: Reflexões a Propósito do seu Primeiro Centenário. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA, Goiânia**, n. 1, v. 3, 2006, p. 37-38.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. **Estudos Avançados** 19 (53), 2005.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RODRIGUES, Donizete; MORAES JÚNIOR, Manoel Ribeiro de. A pentecostalização de povos tradicionais na Amazônia: aspectos conceituais para uma antropologia de identidades religiosas. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 50, p. 900-918, maio/ago. 2018.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica**. 4ª ed. Itajaí: Univali, 2006.

SOUZA, Beatriz Muniz de. **A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo**. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

VIGREN apud FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.67-99.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade Amazônica**. Tradução de Clotilde Costa. Belo Horizonte: Itatiaia, 1957.



WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 9 ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

ZEFERINO, Viviane de Oliveira Lima. **A toponímia na formação do berço hídrico do caboclo amazônico urbano: o elo afetivo indivíduo-ambiente**. Tese de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas, 2021.

